

**LITERATURA E IDENTIDADE CULTURAL DA/NA AMAZÔNIA  
BRASILEIRA: UMA LEITURA DO ROMANCE SAFRA, DE ABGUAR BASTOS**

**IONETE MORAIS LOPES (UNIFESSPA)<sup>1</sup>**

**RESUMO**

O artigo tem como tema as Experiências Literárias e Textualidades Contemporâneas, assim o objetivo é analisar o romance Safra, de Abguar Bastos, relacionando-o com a pesquisa *Dinâmicas Culturais no Sudeste do Pará: um estudo de narrativas orais de migrantes castanheiros*<sup>2</sup> (2015). Demonstrar através da obra de Abguar Bastos e da Pesquisa Dinâmicas Culturais a Literatura, Cultura e Identidade Na/ Da Amazônia: Experiências Literárias, Textualidades Contemporâneas. Para melhor demonstração, tomaremos como parâmetros de estudo *O local da cultura*, de Homi Bhabha (2013), na conceituação de hibridismo cultural. *A diáspora*, de Stuart Hall (2009), que destaca o entre-lugar como não pertencimento aos lugares de origem e/ou o de migração. A obra *Safra* pode ser compreendida dentro do movimento contemporâneo pela forma que representa a Amazônia brasileira, no período de coleta de castanha-do-pará, nela confluem as vivências sociais, econômicas e culturais no resquício colonial.

**Palavras-chave: Cultura. Literatura. Ficção. História**

---

<sup>1</sup>Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada; pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudos Linguísticos, Literários e Culturais da Amazônia. Professora da rede Municipal de Marabá-Pa.

<sup>2</sup>*Dinâmicas Culturais no Sudeste do Pará: um estudo de narrativas orais de migrantes castanheiros*, LOPES (2015), pesquisa de dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

## 1. O romance *Safra* em diálogo com o estudo de narrativas orais de migrantes castanheiros

"A estrada é uma espada. A sua lâmina rasga o corpo da terra. Não tarda que a nossa nação seja um emaranhado de cicatrizes, um mapa feito de tantos golpes que nos orgulhamos mais das feridas que do intacto corpo que ainda conseguimos salvar".(Mia Couto)

O objetivo deste trabalho é discutir aspectos da identidade cultural da Amazônia brasileira a partir da leitura do romance *Safra*, do escritor paraense Abguar Bastos, em diálogo com nossa pesquisa de mestrado, nominada *Dinâmicas Culturais no Sudeste do Pará: um estudo de narrativas orais de migrantes castanheiros*. Nesse romance, observa-se a representação do ciclo da castanha do Pará e todo um arcabouço de problemas sociais, políticos e culturais advindos dessa atividade econômica. Visualizar a Amazônia a partir da voz dos excluídos- migrantes e nativos- em suas vivências de diversidades, essa é nossa proposta. A análise embasa-se na teoria dos estudos culturais e pós-coloniais, que priorizam a multiplicidade do mundo contemporâneo, na necessidade de produção de novas epistemes, saberes, formas de viver e de ser.

A desconstrução de concepções de identidades fixas e estabilizadas para a Amazônia apresenta a diferença cultural e a heterogeneidade como marcas dessa região. No romance *Safra*, os senhores - juiz, promotor; proprietários dos castanhais; donos de embarcações, comerciantes e outros - oprimem os homens do povo; os presos são serviçais da justiça e na vila Coari confluem os conflitos das personagens: a fome dos órfãos (comedores de barro), o desejo das crianças e adultos em estarem no lugar do senhor, as disputas dos senhores (fecham rios e cessam a briga na mesa de jogo), a desesperança dos presos e a servidão da mulher. A expressão cultural, social e política de manutenção das tradições, são prioridades nas denúncias do referido romancista.

Abguar Bastos compromete-se com a construção de um painel cultural/social/político da Amazônia, configurado e reconfigurado a partir de elementos de heterogeneidade, de hibridismos e diálogos culturais. Assim também é a pesquisa *Dinâmicas culturais do sudeste do Pará*, que apresentamos na UFMG, em 2015, que

aponta o processo de produção cultural de uma região defronteira, o sudeste do Pará, historicamente marcado pelo olhar do colonizador, muitas vezes, sem percepção da impureza cultural.

O romance *Safrades* enrola-se na vila Coari, no Estado do Acre, no período da coleta da castanha do Pará. O romance faz uma análise sociocultural, abordando os meios de transporte, as vias de acesso aos castanhais, os fatores históricos. É uma narração datada na segunda fase do modernismo brasileiro, o regionalismo, com um tempo cronológico, mas com fugas para o tempo psicológico. O texto em prosa está escrito em terceira pessoa, com muitas descrições, nos remetendo à outras épocas, pois há cortes na linearidade cronológica do romance.

Abgaur Bastos adentra em um mundo de descrições para refletir a concepção de manutenção da sociedade estática, revelando uma Amazônia fora do olhar do colonizador: a mobilidade humana, as etnias, os espaços, as classes sociais, a sexualidade, a nação, as diferentes épocas, as articulações de grupos e as formas de discurso dão complexidade ao enredo. O rio é a maior representação das mobilidades, o objeto de trânsito de culturas, pessoas e mercadorias, provoca processos intensos de hibridação cultural. A modesta vila Coari é uma expressão de registro histórico literário de personagens, na elaboração de imbricações culturais.

A pesquisa “Dinâmicas culturais do sudeste do Pará” mostra o processo de revelação cultural através das narrativas orais dos castanheiros. Esse processo de construção cultural mostra a impureza através do contato entre culturas (Bhabha, 2013) e o sentimento de desestabilidade que é a diáspora (Hall, 2009).

A manutenção do poder colonialista, no romance, é representada pelos senhores dos castanhais, que são inquestionáveis, e dos representantes da justiça (promotor e juiz). Em nossa pesquisa de mestrado os castanheiros apontam os senhores dos castanhais como detentores do poder em todos os setores- executivo, legislativo e judiciário. Tudo isso mostra o colonialismo vivido na região amazônica e a compreensão do contexto amazônico a partir de seu interior.

O romance que estamos analisando tem início dentro de uma prisão, sem nenhuma condição básica de sobrevivência humana, neste local estão os protagonistas: o preso Valentim, órfão de pai desde os seis anos de idade vigiado pelo personagem soldado Chico Polia – também sem pai - que vai narrando sua vida de acordo com as

situações ocorridas, ele observa as dificuldades pelas quais passou na infância e a luta para receber a progressão para cabo. O romance é marcado pela descrição da vida na cadeia, que tem como paisagem de fundo o cemitério, expressão da desesperança nesse espaço de direitos básicos regradados.

Na pesquisa Dinâmicas Culturais do sudeste do Pará, revelamos a migração expressa do Nordeste brasileiro, homens que trabalharam desde a infância, muitos jovens saíram de casa em busca de trabalho e vivenciaram muita violência.

Chico Polia considerava haver muita coisa errada neste mundo. E quando via os mosquitos e os besouros voltarem do mato e, com as asas imundas, voarem sobre a cabeça de Valentim, tinha a impressão de que o prisioneiro era um grande detrito, caído de um intestino que esse intestino se localizava na displicente e rancorosa sociedade, de que fazia parte. Tais vísceras não sentiam estremeções quando, na fossa das "necessidades", homens e vermes se misturavam (BASTOS 1958, p.8).

O texto em prosa de Abguar Bastos (1939) é forte em detalhes que priorizam uma situação estática, própria do naturalismo em um contexto literário descritivo; o autor instiga a reinterpretação da vida no espaço amazônico através da literatura histórica. O rompimento com a linearidade nos proporciona ainda mais proximidade ao contemporâneo. O olhar das personagens rompe com a visão do colonizador, produzida no/sobre o espaço amazônico, revelando as vivências de um narrador e a exploração humana e da natureza.

Conforme Compagnon (2012), a narrativa não é a representação de uma realidade e sim a constituição de um espetáculo, isso difere de uma narrativa que expressa somente um fato comum de acordo com acontecimentos, pois quando pensamos em literatura, buscamos detalhes, descrições e a criação, recriação de história, espaço, tempo, atualização da história, enriquecimento da linguagem enquanto ferramenta de expressão. Abaixo a voz dos castanhais numa representação de um grupo de trabalhadores,

Numa colocação, e aí era de questão. Aí eles... um homem que não era dono da colocação mandou fazer fogo na barraca. Furaram a rede todadebala, chumbo, e aí eu descí para dentro de um boqueirão. Eles derramaram a farinha, derramaram o açúcar, o café e foram embora. Quando foi no outro dia, que eu fui para o barracão buscar rancho,

cheguei lá a polícia do velho da espada já tava apanhando eles, panhou ele tudinho e levou pro Marabá. Eles já tinham matado um doscompanheiro na outra colocação e o Zé Malta tinha cinco fiscal."(Antonio Mirador In Dinâmicas Culturais do sudeste do Pará p.89,2015)

A linguagem é uma ferramenta indispensável e somente ela é capaz de produzir e reproduzir a expressão narrativa própria do ser humano, ela concebe imagens e concepções sociais de forma tão perspicaz que nos surpreende pela forma de retrato da paisagem humana. Por isso, Compagnon (2012) observa o contexto da descrição como uma recriação, não uma realidade, necessita da linguagem para compô-la em seu processamento, na forma de buscar elementos existentes numa realidade e recriá-los enquanto narrativa literária pois o narrador necessita atualizar a história e selecioná-la.

A Amazônia brasileira, retratada de seu interior, tanto no romance *Safra*, de Abguar, quanto na pesquisa Dinâmicas culturais do sudeste do Pará, de minha autoria, mostra uma sociedade mais feudal que capital. E os trabalhadores – os castanheiros - trabalham por um escasso alimento, a bebida e a prostituição.

Quando a China passa, os presos surgem das moitas, derrubam-na e mastigam terra na bôca mole da rapariga. A China é conhecida por se entregar somente aos presos. Não se dá a ninguém que não seja condenado da justiça. Gosta de sentir no corpo o suor dos escravos, e, por isto, a China dos presos é a mais pobre e a mais suja das marafonas, porque os presos são os mais pobres que os pobres, do que ela, porque nada têm de seu, nem de dinheiro, nem de liberdade, e são escravos da justiça. Fortunato, Pedro, Nazaré, Hosana, Manduca e os caboclos que passam na cadeia quinze dias ou um mês por bebedeira, briga ou furto, todos têm ou terão seu dia com a China, que ela pertence a todos os presos e seu amor não tem preço (BASTOS 1958,p.24/25).

A personagem secundária China é, dentre as mulheres do romance, a mais forte, pela forma que o autor a descreve. Em nossa pesquisa, Dinâmicas culturais do sudeste do Pará, vemos o preconceito -o amor amortecido por causa da profissão das mulheres dos meretrícios. Os castanheiros tinham um senhor para chamar de "seu", se orgulhavam pelo trabalho pesado, como o corte, coleta e transporte de castanha, caçadas, pelas brigas entre trabalhadores e também dos senhores, enquanto as mulheres para ter o respeito da sociedade precisavam de um marido.

-Não me aborreça, major. E prosa do pessoal. O rio é de todo mundo, fique certo o que se deu com o Cirilo e o Dário foi mal entendido pra evitar furto em nossa castanha, quem entra no rio recebe de nós um "passe". Eles não quiseram aceitar o nosso e voltaram. O senhor é proprietário e sabe que é preciso muita fiscalização nesse negócio de desvio (p.45).

Nesse espaço rural é natural o personagem Major Leocádio, proprietário de castanhal, tratar o trabalhador como objeto de negociação ou repressão, o senhor pode julgar, absolver, prender ou matar qualquer homem do povo. Nos costumes dos senhores, fechar os rios e impedir o transporte da castanha é regra de manutenção da exploração humana e da natureza. A disputa entre o Major Leocádio e o Major Dalvino fixa o poder do senhor dos castanhais, o que a história omite a literatura revela envolvendo realidade e ficção.

A memória da história dos castanheiros é apagada da história oficial, alinhada à fala dos senhores. Os senhores "bons patrões" pagam bem os trabalhadores, que sendo honestos são melhores remunerados, os demais podem receber castigos. Assim, podemos destacar a ressignificação subjetiva da narrativa histórica pela literatura.

Conforme White (1984), o discurso é apresentado em camadas e de forma múltipla que possibilita diversas interpretações e significados. Assim, a partir do transporte e navegação pelos rios podemos interpretar que: 1) os Castanheiros não podiam passar, porque roubavam realmente o produto; 2) haviam Castanheiros que trabalhavam independentes dos patrões e essa medida dificultava a independência financeira; 3) o impedimento do rio era somente para demonstração de poder do Major Leocádio; 4) o Major fechava o rio para manter a segurança nos castanhais; 5) proibir o trabalho de castanheiros livres. Os discursos embutidos na narrativa são múltiplos e a interpretação será de acordo com a experiência e o conhecimento do leitor. Nesse sentido, podemos observar as divergências dos senhores no romance que cessam suas rixas na mesa de pôquer, tudo isso, era assunto para o povo da vila Coari, segundo Abguar Bastos.

Lima (1989) observa que os eventos reais são tratados por meio das formas ficcionais de uma cultura, para ele não há como confundir história e ficção, pois a ficção é uma aproximação com a história, porém mais criativa, reelaborada, atualizada, enquanto a história se mantém estática.

Uma noite lhe contei que a mestra só botava de castigo a mim, enquanto os outros nada sofriam. Minha mãe foi falar com a mestra. Eu fui com ela. Era um domingo e a mestra vinha chegando da Igreja. Mamãe disse: "Dona Benta, me desculpe se passo por intrometida, mas eu vinha pedir à senhora que não soltasse o Chico muito tarde, porque ele é que me ajuda lá em casa". A mestra me olhou muito superior, como se eu fôsse uma lombriga. Respondeu: "Ora, dona Constança, é melhor seu filho não vir mais. Ele não dá pra nada. E muito vadio, esquece tudo e gosta de se misturar com os meninos de família que frequentam a minha escola" (BASTOS 1958, p.18).

Nessa manutenção do colonialismo, o órfão é julgado inadequado no espaço escolar, no convívio com as demais crianças. Esse discurso excludente do romance nos remete a Hugo Achugar (2006), na manutenção da nação que tem uma história constituída pelo dominador que trabalha constantemente para mantê-la.

A narrativa promove uma reflexão da relação constituída de opressão econômica, social e de detenção de conhecimento. Nesse processo de dominado e dominador, o subalterno não tem voz. Quando é percebida a reivindicação de direitos, o dominador os ajusta, e o oprimido é mantido estático.

As crianças são personagens secundárias e Abguar Bastos mostra suas vivências "livres". Os meninos que se alimentam de barro tinham inveja dos namoros, viagens alimentos e vida dos filhos de comerciantes, barqueiros e senhores. Os invejados são os filhos de Leocádio, Marsula, Miguel Turco, Dalvino; o Coriolando, que namorava Teresa (branca, loura, criada por Albuquerque); Tibúrcio por causa das frutas, papagaios e cerol que o pai trazia do trabalho (mercado), os moços com dinheiro que bebiam cerveja no Marsula e ou no Lulu.

Esses meninos desejavam casar com Chiquinha do Igarapé, Teresa, Laura filha do professor, Luíza filha do coletor, Pureza filha do Lulu do botequim, Dulcina filha do finado Guimarães. Viviam pelos matos, pescavam, sonhavam, tomavam banho de rio e morriam: primeiro o filho do Logonha, depois Sinfrônio e o Marçal: "A terra comia crianças, as crianças comiam terra." (BASTOS 1958, p. 67). As mortes de crianças são comuns nos territórios de fronteira, pois elas são mais vulneráveis.

Desse grupo dos invejosos, Manduca era o que tinha melhor condição financeira. Valentim, filho de castanheiro, tinha crédito no comércio, antes de matar Bento.

Benedito era filho de boto, Maria Preta sua mãe era prostituta. O trabalho na vila: Langonha - faroleiro, ascendia e apagava lampiões; Calisto - coveiro e zelador do cemitério; Zé Teresa - substituto de marinheiros, desempregado, recebia rancho no natal; Lobinho - vendia frutas, filho de castanheiro.

Nesses espaços os senhores detêm o poder econômico e social, como também o domínio das vilas, terras, grotas, rios, lagos, das pessoas através das leis impostas pelos senhores. Os trabalhadores - castanheiros, barqueiros - têm respeito enquanto pertencente a um senhor - pois os aviados são de sua propriedade.

Assim, Abguar Bastos revela como era nomeada a coletividade de trabalhadores, "cabroada", "marinhagem" de forma depreciativa. "Os marinheiros estão descalços, não têm sapatos com navalhas, mas no cóis das calças surgem cabos de "pernambucas", facas compridas, pontiagudas e afiadas, os rifles estão na posição de sentido" (BASTOS 1958, p.44). Toda essa forma de descrição do romancista revela a imagem de uma época e a manutenção de uma tradição.

Naqueles rios todo mundo tem a sua roupa de mescla. Todos os homens são azuis. A mescla tem cheiro evidentemente proletário, porque está sempre endurecida pelo suor e assinala o trabalho brutal, violento, dos homens. E no entrecruzamento dos corpos febricitados uma linha azul os cobres e é de ver como são brancos os mortos vestidos de mescla e como o suor da morte parece suor de trabalho (ABGUAR 1958, p.122).

O romance amazônico tem uma forma de descrever "a mescla azul": "todos os homens são azuis", nos lembra João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina* "somos muitos severinos, iguais em tudo e na sina". Tanto no romance quanto na pesquisa das Dinâmicas culturais do sudeste do Pará, os aviados vivem a massificação, homens do coronel "fulano" ou do coronel "sicrano".

A massificação é sentida nessa uniformização do castanheiro, sem direito à escolha da roupa. A "identidade", nesse espaço, é determinada pelo desejo do senhor em manter a cultura de servidão e massificação de identidades, enquanto a diversidade cultural é suprimida e até o lazer - jogode azar foi trazido pelos senhores.

Conforme Hugo Achugar(2006), em *"Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura"*, dominadores de uma nação registram e mantêm a

ordem como forma de compreensão política e social que passa o domínio e manutenção de poder conforme seus interesses. É esse o contexto do romance *Safra*, "todos iguais" uma representação da sociedade estática e tradicional. Nesse processo cultural, os dominadores negam - as diferenças- no romance o tecido azul, o cheiro igual, gestos iguais, expressam o universalismo da obra de Abguar Bastos.

Ainda assim, podemos dizer que a cultura oprimida não perde o processo constante de construção, ela interage com outras e processa uma nova cultura. Isso é resultado de contatos a partir da: mobilidade humana, espaços, classes sociais, sexualidade, nação, épocas, articulação de grupos e discursos são fatores determinantes do hibridismo cultural, por isso a cultura é complexa e impura.

Nesse contexto de mobilidade cultural, a pesquisa Dinâmicas culturais do sudeste do Pará mostra, através das histórias orais dos castanheiros, a impureza cultural. Conforme Stuart Hall (2011), o processo de construção cultural se dá por causa das mobilidades e aceleração das comunicações. O estudioso as observa como intensificadoras do mundo moderno e contemporâneo. No romance em análise podemos destacar que os personagens principais nasceram em uma vila, mas convivem com outras classes sociais e formações - como juizes, promotores, senhores, trabalhadores- que vão e voltam e tem contatos com outros personagens.

Em Coari os meninos construíram ou dissiparam suas vidas, alguns saíram dali, outros morreram; o preso está lá, estático. As mobilidades nesse espaço provocam fragmentações e conflitos nas identidades- a mãe negra é convidada pela professora a retirar da escola o seu filho, para a manutenção social e cultural.

Segundo Homi Bhabha (2013), a nação é um espaço de significação marcado pelo discurso das minorias, histórias heterogêneas de povos confrontados com os discursos ideológicos das autoridades. A partir da junção das diferenças, conforme o teórico, as tradições ligam presente e passado. Dentro do romance, podemos perceber os senhores dos castanhais e seu domínio, enquanto que na pesquisa Dinâmicas culturais do sudeste do Pará percebemos a continuidade desse domínio.

Esses discursos criam mitos, tradições para manter a sociedade com o mesmo domínio e estática, tudo isso podemos constatar através da pesquisa Dinâmicas culturais do sudeste do Pará. Por isso, Homi Bhabha (2013) observa o povo como massa, ainda que os populistas desejem que o povo participe desse processo político e cultural. A

identificação da problemática da nação é expressa através da tensão entre o desejo de lembrar e esquecer, destacando o esquecimento com o signo de anterioridade da nação, podendo mudar a compreensão do passado, interferir no presente sincrônico desejado pela nação. Esse processo de construção de discurso se reconstrói constantemente na busca de fortalecimento através da atualização de personagens representativos da sociedade dominante.

A dissertação de mestrado, que estamos nos referindo ao longo do trabalho, além de discutir a memória, a literatura e a cultura híbrida, dá voz aos castanheiros e mostra a desenvoltura política, social e cultural de seus descendentes. A cultura semi-escrava dos castanhais, em processo de transformação e construção, é vista na pesquisa através da voz silenciada dos castanheiros.

Podemos perceber a modificação da época do escrito para os dias atuais, como processo de globalização em que os tempos, lugares, histórias e tradições específicas se desestabilizam, assim não há como manter uma cultura e um espaço fixo. A globalização provoca o encontro de culturas diversas e a transformação das mesmas, promovendo escolhas e conflitos.

Atualmente, vimos a descaracterização da cultura castanheira no sudeste do Pará a partir da devastação e da extinção dos castanhais, movida pelo poder internacional e fixado na base do capitalismo, que é o principal promotor de transformação cultural. A cultura dos castanhais perde espaço para a mineração no sudeste do Pará.

No romance *Safra* percebemos as crianças do povo "livres" sem nenhuma responsabilidade como estudo. A denúncia de órfãos nos leva a questionar o processo de construção da sociedade amazônica - o que aconteceu com os pais desses meninos?

Quanto aos povos indígenas, o romance observa "em vez de flecha: o rifle. Em vez de Jurupari, herói e profeta de todos os rios distantes: Jesus Cristo o santo" (ABGUAR, 1958, p.34). A cultura vai se (re)construindo em um processo de hibridez constante, a literatura mostra a transformação cultural de um povo.

A partir desse princípio de estudo da obra de Abguar Bastos apresentamos uma contextualização expressa através da ficção que consegue retratar a Amazônia, isso mostra a seleção pela qual passa a narrativa por cada grupo que se propõe a recontá-la. Para Halbwachs (2003), há uma combinação coletiva de fato e narrativa a ser dita, seja

de dominadores ou dominados, oral ou escrita. Em *Safrap* podemos refletir a expressão social, cultural, literária e fictícia da Amazônia. Tudo isso parece real, mas na ficção a poética textual e a reinvenção da narrativa fazem a diferença.

Isso nos mostra as diferenças dos acontecimentos reais e do literário que exige uma reinvenção da construção textual através do domínio linguístico para engajar o leitor de forma contundente e demarcar o processo de sensibilização poética enquanto personagens, espaços, enredo e tempo. Os elementos da narrativa precisam de um enlace no desenvolvimento textual, com coerência e coesão que permitam maior graciosidade ao texto.

### Referências

ARRIGUCCI Jr., Davi. Móbile da memória. In: ARRIGUCCI Jr., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 67-111.

BASTOS, Abguar. *Safrá*. Editora Conquista, 2ª edição. Rio de Janeiro 1958.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. UFMG, Belo Horizonte: 2013.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_: *Magia e técnica, arte e política*. 7 ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOSI, Ecléa. Memória-sonho e memória-trabalho. In: \_\_\_\_\_. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Ltda, 1999.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/safrá>[consultado em 04-09-2016].

ECO, Umberto. Bosques possíveis. In: \_\_\_\_\_. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 81-102.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização: Liv Sovik e Adelaine La Guardia Resende. 1ed atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloíza Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo:

EDUSP, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. JohannesKretschmer. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 7 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LOPES, Ionete Moraes. *Dinâmicas Culturais no Sudeste do Pará: um estudo de narrativas orais de migrantes castanheiros*. UFMG, Belo Horizonte, 2015.

MIRANDA, Wander Melo. *Imagens de memória, imagens de nação*. In: MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2010, p. 35-52.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993. Disponível em:

[http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria\\_10.pdf](http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria_10.pdf);

Acesso em 17 fev. 2013.

POLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. AlípioCorreia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994.

VON ATZINGUEN, Noé. *Vocabulário Regional de Marabá*. 2 ed. Editora Fundação Casa da Cultura de Marabá, Marabá/Pa 2014.

(<http://pensador.uol.com.br/frase/MzI5MTc/04/09/2016>).